

WILLIAM MAGALHÃES

**EVOLUÇÃO E INVOLUÇÃO EM 30 ANOS DE JORNALISMO
GAY NO BRASIL**

**CENTRO UNIVERSITARIO NOVE DE JULHO
SÃO PAULO-2009**

WILLIAM MAGALHÃES

**EVOLUÇÃO E INVOLUÇÃO EM 30 ANOS DE JORNALISMO
GAY NO BRASIL**

Monografia de conclusão de curso de
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo da Universidade Nove de Julho
(Uninove)

Orientador: Prof^a. Dr^a. Marcela Matos

**CENTRO UNIVERSITARIO NOVE DE JULHO
SÃO PAULO-2009**

MAGALHÃES, William

Evolução e involução em 30 anos de jornalismo gay no Brasil – São Paulo, 2009, 48 pg

Orientador: Prof^a. Dr^a Marcela Matos

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todos que ajudaram a torná-lo possível e deram forças para que ele pudesse ser realizado. Agradeço ao meu tio Homero Rutkowski por me dar a oportunidade de ingressar no ensino superior.

Dedico esta monografia à Sandra Rutkowski Magalhães e Dirceu Magalhães, meus pais, pelo amor, apoio e esforço com que me criaram. Dedico também à minha avó Maria Conceição pelo companheirismo, amizade e afeto.

Também dedico este estudo aos pioneiros do jornalismo gay no Brasil. Sem a dedicação, esforço e coragem de pessoas como Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan e André Fischer certamente esta monografia estaria em um armário.

A vocês, dedico esta obra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu companheiro e amigo Marcelo Hailer pela lealdade, ajuda e disposição em me acompanhar nesta empreitada. À Diana Carvalho, pela força, amizade e otimismo que muito me ajudaram. À Daniela Masivioro e Kátia Farias pelos anos de convivência e amizade. À Carol, do Centro de Documentação Luiz Mott, da Ong Dignidade pela presteza com que me recebeu em Curitiba e facilitou meu acesso a coleção do jornal *Lampião da Esquina*. À Camila Ferreira Machado e Janaina Pereira que me ajudaram com conselhos preciosos. Ao Sergio di Pietr Jr., meu chefe, por me dar algumas folgas em momentos decisivos e pela compreensão. À minha orientadora Marcela Matos, que com seu profissionalismo contribuiu para que esta monografia ficasse melhor a cada capítulo.

A todos vocês, meu muito obrigado

Integrar-se ou desintegrar-se, eis a questão.
Percorro o meio homossexual e não canso de
deparar com situações surpreendentes
(João Silvério Trevisan)

RESUMO

A presente monografia tem como proposta analisar a linha editorial de dois veículos gays criados no Brasil em épocas distintas: o jornal *Lampião da Esquina* e a revista *Junior* para avaliar os caminhos percorridos por esta última, descobrir o por que de ela ter se tornado remanescente entre outras duas e jogar luz sobre um caminho a seguir. O estudo foi feito analisando matérias, chamadas de capa e uma análise quantitativa do número de páginas dedicadas a fotos presentes na revista *Junior*. Enquanto *Lampião da Esquina*, em plena ditadura militar abusa de chamada fortes, irônicas e provocativas, a *Junior* de um regime democrático parece esconder que é gay.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo gay; Junior; Lampião da Esquina

ABSTRACT

This monograph is a propose to analyze the editorial line of two gay vehicles in Brazil created at different times: *Lampião da Esquina* e *Junior* magazine to evaluate the paths traveled by the latter, find out why she had become a remaining between other two mags and shed light on a way forward. The study was done by analyzing materials, cover stories and a quantitative analysis of the number of pages devoted to photos in the Junior magazine. While *Lampião da Esquina*, at the military dictatorship abuses strong, ironic and provocative headlines, *Junior* at a democratic system seems to hide that is gay.

KEY WORDS: Gay journalism; Junior; Lampião da Esquina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – Perseguição e inclusão	13
1.1 – Breve contextualização sobre homossexualidade	13
1.2 Ecos de Stonewall: Nascem mercado e militância	15
CAPÍTULO 2 - Jornalismo gay: de alternativo a mercadológico	17
CAPÍTULO 3 - A história da mídia gay no Brasil	21
3.1 Primeiros jornais gays	22
3.2 A pauta gay no Brasil	23
3.3 A Coluna do Meio	24
3.4 Nasce o Lampião	25
3.5 Tempos difíceis	27
3.6 Anos 80 – um hiato gay	29
3.7 Anos 90 - a moda gls	30
3.8 Dias atuais	32
CAPÍTULO 4 - Estudo de caso	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
BIBLIOGRAFIA	47

INTRODUÇÃO

“Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional”. Começa assim o editorial “Saindo do gueto”, o primeiro a ser publicado pelo jornal *Lampião da Esquina*, no ano de 1978. Continuam: “em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma ‘abertura’ do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual para quê”.

Brasil, outubro de 2007. Ventos favoráveis sopram arejando um regime aberto. Começa assim a trajetória da *Junior*. Em um Estado Democrático de direito, após vinte anos da queda da ditadura, a revista surge em um contexto em que o país possui a maior Parada Gay do mundo e o maior número de Paradas por ano. Enquanto alguns direitos da população LGBT são negados e um projeto de lei tramita no Senado com a finalidade de criminalizar a homofobia, esta publicação muitas vezes fica alheia a isto.

A presente monografia tem o objetivo de apontar as principais diferenças entre as linhas editoriais do jornal *Lampião da Esquina* e da revista *Junior*. Para isto, esta monografia vai apresentar, no primeiro capítulo uma breve contextualização sobre a homossexualidade.

No segundo capítulo o propósito é discorrer sobre as fases percorridas pela imprensa gay no Brasil. No terceiro capítulo será apresentada a história do jornalismo gay, os veículos que antecederam o jornal *Lampião da Esquina*, sua história e seus sucessores até chegar na *Junior*.

Por fim, no quarto capítulo, baseando-se nas trajetórias de ambos os veículos, a análise de suas principais diferenças, levando em consideração suas chamadas de capa, diálogo com os leitores e espaço destinado a reportagens e fotos.

O propósito é descobrir se houve evolução ou involução nos 30 anos que separam os dois veículos.

CAPÍTULO 1

Perseguição e inclusão

1.1 Breve contextualização sobre homossexualidade

A homossexualidade como um comportamento natural da sexualidade humana está presente em todas as épocas da história registrada. Desde a Grécia antiga há relatos de relações homossexuais. Na obra *Tríbadés, Galantes, Fanchonos Militantes*, o historiador Almicar Torrão Filho relata a história de Guilgamech como pioneira nesse sentido:

Um dos mais antigos épicos da humanidade é a *Epopéia de Guilgamech* (ou *Gilgamesh*), composta cerca de 2000 a.C. (sua versão definitiva é de cerca do século VII a.C.) em doze longos tabletes de argila, na Babilônia, e descobertos em Nínive, em 1853, por arqueólogos britânicos. Esta, que é uma das mais antigas obras de ficção conhecidas, é também um dos mais antigos relatos de algo que já podemos considerar como um dado característico da Antiguidade, que é a afeição entre pessoas do mesmo sexo. (TORRÃO FILHO, 2000, p.17)

Ao longo de toda a História da humanidade a homossexualidade passou por fases de aceitação ou perseguição. Em meados do século XIII com o fortalecimento do cristianismo e em plena Idade Média, as relações entre pessoas do mesmo sexo passaram a ser motivo de punições, como aponta Valmir Adamor da Silva.

Durante muito tempo – pelo menos cinco séculos – a humanidade se horrorizou com o homossexualismo (sic). A religião cristã, filha da civilização hebraica, condenava todas as pessoas que manifestavam essa tendência. A coisa ficou tão grave que, além de ser considerado pecado mortal, transformou-se em crime, cujo principal responsável era sempre o Satanás. (SILVA, 1987, p. 19)

Esses ciclos entre aceitação e perseguição são vistos até em dias atuais. O escritor João Silvério Trevisan a partir dos estudos de Jacques Solé descreve que a Igreja Católica aplicava o conceito de sodomia para descrever o sexo oral e anal entre indivíduos do mesmo sexo. “Como se tratava de um desvio ditado diretamente pelo demônio, a Igreja e a Inquisição associavam a prática da sodomia com a bruxaria e as heresias dos cátaros e templários”. (TREVISAN, 2007, p.110)

A partir daí podemos entender a origem da estigmatização aos homossexuais e sua conseqüente perseguição até os dias atuais. Teor semelhante a essa perseguição voltou a se dar a partir dos anos 1980 com o surgimento do vírus HIV e posteriormente com a epidemia da Aids, que em seu início ficou conhecido como “câncer gay”.

No processo de culpabilização instaurado em torno da Aids, o alvo crítico foi naturalmente o coito anal. A velha sodomia dos tempos da Inquisição voltou à cena dos pecados maiores, acusada – por médicos, formadores de opinião e, claro, membros do alto clero – de ser o meio mais propício de contaminação do vírus HIV. (TREVISAN, 2007, p.469)

Mas, no início do século XX e mais fortemente a partir da segunda metade deste século surgem algumas mudanças comportamentais e de mentalidade. Essas mudanças eclodem com a rebelião de Stonewall, em 1969, motivada por uma blitz policial em um bar gay situado em Nova York, e contribuíram para colocar a homossexualidade em um patamar nunca antes visto: o de visibilidade e cidadania.

Na madrugada do dia 27 para 28 de junho de 1969, a polícia de Nova York invadiu um bar gay chamado Stonewall Inn, no bairro de Greenwich Village, alegando que o bar vendia bebidas alcoólicas sem licença. Esta era uma antiga tática de repressão aos estabelecimentos freqüentados por homossexuais. No entanto, aquela blitz teve um final inesperado, tanto para a polícia quanto para os presentes. Os donos e freqüentadores, cansados das batidas policiais e das humilhações, resistiram à entrada da polícia e à prisão dos donos. A multidão começou então a jogar moedas, garrafas e pedras nos policiais. “Era o início de uma rebelião, com barricadas e enfrentamento, como se a revolução rosa tivesse começado”. (TORRÃO FILHO, 2000, p.206)

Essas mudanças acabam causando uma série de rupturas sociais que culminam no surgimento dos primeiros movimentos de liberação sexual.

(...) Esta espetacular ação espontânea marcou propriamente o início dos movimentos por direitos civis dos homossexuais, porque foi pública, reivindicativa e afirmativa, e até hoje Stonewall marca a data de uma passeata, em todo o mundo civilizado onde ela é permitida, comemorando a data e o orgulho de ser gay e lésbica. (TORRÃO FILHO, 2000, p.206)

O empresário Franco Reinaldo e a editora Laura Bacellar, destacam o evento como um divisor de águas. “Começava assim a era do mercado gls, em que o preconceito saíria de moda e o respeito pela diversidade daria as cartas” (REINAUDO e BACELLAR, 2008, p.38)

1.2 Ecos de Stonewall: Nascem mercado e militância

Reinaldo aponta que nos períodos em que a homossexualidade foi perseguida, “não se pode dizer que havia propriamente um segmento de mercado gls” e aponta a capital da Alemanha, no começo do século XX como berço de um incipiente mercado voltado para este público.

No século XIX e começo do XX, por exemplo, Berlim foi uma capital das mais gays da Europa, com bares e cabarés cujo público era predominantemente homossexual. Porém, por serem em teoria ilegais e apenas tolerados pelas autoridades, que faziam vista grossa para a sua existência, esses locais eram de certa forma clandestinos. Eles atendiam à necessidade premente de homossexuais, principalmente os homens, de se encontrarem e se socializarem. (REINAUDO e BACELLAR, 2008, p.41)

Os autores explicam que esses primeiros lugares “não tinham sido pensado para atender ao público gls”. Por conta de circunstâncias alheias as suas vontades se viram recebendo esta população.

Há, segundo Reinaldo e Bacellar, uma contradição nesse esquema. Os estabelecimentos “geravam muito lucro aos seus proprietários”, mas “o maior serviço diferenciado que ofereciam era um abrigo dos olhares e das críticas presentes nos ambientes heterossexuais” (2008, p.41).

A contradição se estabelece na medida em que, enquanto nicho de mercado, a população homossexual “procura por produtos e serviços diferenciados” e “cobra um posicionamento político dos estabelecimentos. Esta contradição se arrasta até a rebelião de Stonewall, um bar marcado pelas características como os estabelecimentos de Berlim no começo do século XX.

A ruptura acontece após os primeiros frutos dos movimentos de afirmação homossexual, nas décadas de 1970 e 1980.

Demonstrar tolerância com as diferenças, as minorias e os modos de vida alternativos começou a ser a atitude esperada dos intelectuais e artistas de vanguarda, e se refletiu no posicionamento de muitas empresas. (REINAUDO e BACELLAR, 2008, p.46)

Foi no período que antecedeu a rebelião de Stonewall, em 1967, que surgiu a revista *The Advocate*, uma das primeiras do mundo dirigida a gays, e publicada mensalmente até os dias atuais.

CAPÍTULO 2

Jornalismo gay: de alternativo a mercadológico

O jornalismo gay no Brasil tem suas origens com o jornal *Lampião da Esquina*. Embora não fosse de fato a primeira publicação voltada a este público foi a que teve um papel mais importante, já que foi o primeiro a contar com uma estrutura profissional.

No livro “Na Trilha do Arco-Íris”, que fala sobre a história do movimento LGBT no país, o sociólogo Julio Simões e a antropóloga Regina Facchini explicam um pouco da estrutura do periódico:

Lampião era, em vários aspectos, muito diferente de tudo o que lhe havia precedido em termos de imprensa homossexual. Para começar, reunia em seu conselho editorial um conjunto de jornalistas, escritores e intelectuais de considerável peso na vida cultural brasileira, que emprestavam uma inédita legitimidade à empreitada. (FACCHINI e SIMÕES, 2009, p.84)

O jornal *Lampião da Esquina* foi editado entre os anos 1978 e 1981. No livro “Jornalistas e Revolucionários – Nos tempos da imprensa alternativa”, o jornalista Bernardo Kucinski transforma sua tese de doutorado defendida junto à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em 1991, em uma obra para o entendimento do que foi o jornalismo alternativo e sua importância para o país.

Durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram, cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como *imprensa alternativa* ou *imprensa nanica*. (KUCINSKI, 2003, p.13)

Como era independente, carregava um forte viés político de combate à ditadura e um desejo de transformação, *Lampião da Esquina* compunha, como chama o jornalista Bernardo Kucinski, a imprensa alternativa ou nanica.

A palavra *nanina*, inspirada no formato tablóide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitário [...]. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa. [...] Já o radical *alternativa* contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, o do desejo das gerações dos anos 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam. (KUCINSKI, 2003, p.70)

Embora fosse dirigido ao público homossexual, desde seu primeiro número, publicado em maio de 1978, o jornal *Lampião da Esquina*, abria espaço para a discussão de temas pertinentes a outras minorias.

[...] *Lampião* não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia-hebraico-cristã deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. [...] Para isso, estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres às minorias étnicas do Curdistão [...]. (LAMPIÃO, 1978, editorial)

Muniz Sodré, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apresenta, no livro “Comunicação e cultura da minorias”, organizado por Raquel Paiva e Alexandre Barbalho, o conceito de minoria.

Ora, a noção contemporânea de minoria – isto que aqui se constitui em questão – refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas etc. O que move uma minoria é o impulso de transformação. (SODRÉ, 2009, p.11-12)

Em sintonia com o editorial do jornal *Lampião da Esquina*, Sodré aponta que minoria é uma “voz qualitativa” (Comunicação e cultura das Minorias, 2009, p.11)

Para o mestre em Comunicação Marcus Antônio Assis Lima, em trabalho apresentado no livro “Recortes da mídia alternativa”, *Lampião da Esquina* “marcou a imprensa brasileira pelo seu vanguardismo nas posições defendidas” (LIMA, 2009, p.239).

O período em que circulou o jornal coincidiu com a fundação do grupo Somos, o primeiro coletivo de atuação homossexual no país. Desta forma, as pautas publicadas pelo jornal *Lampião da Esquina* influenciaram e foram influenciadas pelo surgimento do então movimento homossexual. O antropólogo Edward MacRae diz

em seu trabalho “A Construção da Igualdade”, qual é a principal pauta trabalhada pela publicação e discutida na época pelo movimento homossexual.

Desde o seu primeiro editorial, *Lampião* já manifestara claramente a ênfase a ser dada à discussão da questão homossexual pretendendo-se destruir a imagem-padrão do indivíduo que sentindo atração física por outros do seu próprio sexo, seria um amaldiçoado, incapaz de auto-realização e com tendências a rejeitar a suas sexualidade. Portanto sempre houve uma intenção de falar livremente a respeito de sexo, ridicularizando os tabus sociais e ressaltando os seus aspectos criativos e prazerosos. (MACRAE, 1990, p. 77)

Com o fim de *Lampião da Esquina* no ano de 1981, uma nova característica passa a permear as publicações dirigidas ao público gay. “A partir daí, a imprensa homossexual brasileira foi tomada pelo pornográfico” aponta Assis (Recortes da mídia alternativa, 2009, p.239). O jornalista Ferdinando Martins aprofunda a história desse período em uma matéria publicada na edição 13 da revista *Junior*, em outubro de 2009.

Ozawa Kenzo era o nome que aparecia como editor da revista “Narciso”, panfletária e militante, mas com ensaios de nus e fotos fraquinhas de sexo entre homens _a maioria “importada” de revistas estrangeiras. Enquanto o Brasil vivia sob a repressão do regime militar, que em nome do decoro e da moral proibia a publicação de revistas gays, os americanos e europeus viveram uma fase áurea desse tipo de publicação. (JUNIOR, 2009, p61)

Depois da fase pornográfica, a imprensa gay, na década de 1990, passa por uma fase “sofisticada”, fomentada por uma lógica de mercado na qual, escreve Assis, a “publicidade, principalmente a norte-americana, começa a utilizar uma ‘estética gay’ em alguns de seus produtos” (LIMA, 2009, p.239).

No final do século XX, a cultura gay vai dar um ensejo a um boom mercadológico. Em 1995, surge, no Brasil, uma revista que mostra ser viável editar, com sucesso, publicações que, abordando temas específicos, voltam-se para um grupo restrito de leitores. Trata-se de *Sui Generis*, que colocava mensalmente nas bancas de todo o país, 30 mil exemplares. (LIMA, 2009, p.241).

A revista *Sui Generis* durou até os anos 2000 e teve seu lugar ocupada pela revista *G Magazine*, cujo grande foco é a publicação de ensaios eróticos de nus masculinos.

O vácuo no mercado impresso por uma publicação homossexual que não utilizasse fotos de nu só foi preenchido anos depois do encerramento de *Sui Generis*, com a criação da revista *Junior* em setembro de 2007. Com a experiência de 13 anos no mercado gls por meio do portal Mix Brasil, criado no ano de 1994, o empresário e jornalista André Fischer foi o responsável por fazê-la circular.

Em dezembro de 2007 as bancas do país viram surgir pela editora Peixes a revista *DOM*. Mais tarde, em maio de 2008 foi a vez de a revista *Aimé* chegar ao mercado. Três revistas voltadas para o público gay terem surgido em tão pouco espaço de tempo foi tomado como um “boom” por alguns entusiastas (VENCESLAU, 2007).

Esta movimentação do mercado editorial gay chamou a atenção da grande imprensa. O jornalista Sérgio Ripardo, que por 3 anos foi editor de “Ilustrada Online” no portal da *Folha Online*, assinou entre os anos de 2007 e 2008 uma coluna chamada “Destaques GLS”, acompanhou os passos dessas publicações e falou um pouco sobre as semelhanças entre elas e o perfil de seus leitores:

O conteúdo explora um formato já explorado por revistas héteros, como textos sobre moda, comportamento, consumo, turismo, celebridades e temas culturais. Analisando as primeiras edições, dá para perceber um mimetismo com publicações internacionais do gênero nos EUA e Europa. Tanto que a "Dom" e "Junior" festejam publicamente quando ocorre a coincidência de suas pautas ou modelos de ensaios com as de revistas estrangeiras, como "Out", "Têtu" e "DNA". Em linhas gerais, o homem de "Dom", "Junior" e "Aimé" é (ou sonha ser) um consumidor nato, refém da moda e do design, um turista de roteiros sofisticados, um cosmopolita pós-gay, pós-militância, sem muitas (ou nenhuma) preocupações políticas tradicionais. (RIPARDO, 2008)

Apesar disso, as revistas *DOM* e *Aimé* acabaram fora do mercado. Enquanto a primeira foi afetada e não resistiu à crise financeira que estourou no mundo no final de 2008, a segunda não teve uma periodicidade muito constante e acabou sumindo sem maiores explicações.

CAPÍTULO 3

A história da mídia gay no Brasil

Antes da revolução de Stonewall, publicações gays já existiam tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. O historiador norte-americano James Green em seu livro *Além do Carnaval* cita, por exemplo, a existência da revista *One Magazine* no ano de 1958.

No Brasil, a história da imprensa gay, ou voltada a este público, não é recente, embora, devido ao preconceito e perseguição, essa história não seja linear. Tampouco os meios de comunicação consumidos por gays até pouco mais da metade do século XX nasceram homossexuais.

A primeira publicação a dar espaço ao tema do homoerotismo foi a *Rio Nu*, que publicou provavelmente o primeiro conto erótico gay do país em 1914. O texto chamava-se “O menino do Gouveia” e era sobre uma relação sexual entre um jovem rapaz e um homem experiente. O historiador James Green explica em seu livro “*Além do Carnaval*” que “o título desse conto erótico faz um jogo com o termo, da gíria da época, ‘gouveia’, ou um homem velho que deseja garotos jovens” (GREEN, 2000, p.69).

Entre os anos 1920 e 1960, não haviam publicações dirigidas ao público homossexual. Durante esse período, gays brasileiros consumiam revistas de fisiculturismo. Isso pode ser explicado pelas imagens de corpos masculinos atléticos e musculosos, que não chamavam atenção para uma provável homossexualidade. James Green, discorre em seu “*Além do Carnaval*” sobre as revistas *Músculos*, lançada em 1953 e *Força e Saúde*, publicada em 1947.

As revistas ofereciam um estímulo excitante para a sexualidade solitária, acobertado pela fachada de uma publicação esportiva, e este era um dos poucos caminhos pelos quais indivíduos isolados, distantes do Rio ou de São Paulo, tinham acesso constante a uma “leve” pornografia atlética. (GREEN, 2000, p.270)

3.1 Primeiros jornais gays

Em 1963, no Brasil já existem notícias de publicações voltadas para gays masculinos. É o caso do jornal *O Snob*, editado por Agildo Guimarães, que circulou entre julho de 1963 e junho de 1969, totalizando 99 números e uma edição retrospectiva. James Green e Ronald Polito ressaltam no livro “Frescos Trópicos”, a importância histórica do periódico.

Inicialmente modesto, com poucas páginas, mimeografado e com desenhos de modelos femininos, o jornal foi se sofisticando, chegou a atingir de 30 a 40 páginas, divulgou ilustrações mais elaboradas, colunas de fofocas, concursos de contos e entrevistas com os travestis mais famosos do período. E se nos primeiros números as matérias eram leves, brincadeiras trocadas entre os gays, aos poucos o jornal foi se politizando e passou a discutir problemas relativos à realidade brasileira. Mas principalmente abordou uma pauta importante de questões referentes à homossexualidade masculina no Brasil em seus aspectos internos e em suas interações com a sociedade mais ampla. (GREEN e POLITO, 2006, p.155)

O jornal era distribuído gratuitamente ou mediante contribuição e circulava no Rio de Janeiro, tendo Cinelândia e Copacabana como praças de distribuição. Durante o período em que existiu, *O Snob* viu surgir pelo menos outros 30 títulos no Rio e pelo país como *O Centro*, *Darling*, *Gay Society*, *Baby*, *Le Sophistique* e *Entender*.

Apesar desta imensa variedade de títulos a falta de profissionalismo e de periodicidade permeava todos eles. As publicações eram, em sua maioria, artesanais, xerocadas ou mimeografadas. Algumas não atingiam mais que 50 exemplares e muitas não passaram da primeira edição (MACRAE, 1990, p.65) (GREEN, 2000, p.298).

O Snob era feito artesanalmente, circulava em um pequeno gueto gay que se desenvolvia em torno da figura de seu editor, Agildo Guimarães, e de sua turma de amigos. A publicação então servia como um elemento de auto-estima daquele grupo. “Muitos homossexuais [...] dependiam muito dessas famílias construídas de outros homossexuais, uma vez que estes enfrentavam problemas similares” (GREEN, 200, p.290).

Era comum no grupo de Agildo, como em outros na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, que os homossexuais referissem-se uns aos outros no feminino. Por conta disso, muitas das matérias em O Snob eram assinadas com nomes femininos, como se fossem elegantes mulheres. “[...] a troca lúdica do gênero dos nomes funcionavam como conforto contra as pressões de ter que se adequar aos padrões sociais estritos”. (GREEN, 2000, p.293)

3.2 A pauta gay no Brasil

Os anos pós-68 foram de efervescência sociais e políticas no mundo inteiro. Nos Estados Unidos, após o levante de Stonewall o movimento homossexual começa a se organizar e suas reivindicações começam a chamar a atenção da mídia. Neste período geralmente os homossexuais eram encontrados nas páginas policiais ou nas matérias jornalísticas sobre o Carnaval.

Em maio de 1968, a revista *Realidade* publicou um longo artigo sobre a homossexualidade masculina [...] Apesar de a revista insistir em velhas teses médicas a respeito da homossexualidade como “doença” [...], nenhum dos entrevistados supôs-se como portador de uma “doença” em função de suas preferências homossexuais. (GREEN e POLITO, 2006, p.156)

O levante de Stonewall e a consequente articulação homossexual em torno das Paradas Gays produziram ecos que chegaram ao Brasil. Entre 1969 e 1977 algumas reportagens publicadas pela grande imprensa brasileira traziam informações a respeito do movimento homossexual norte-americano.

James Green e Ronald Polito apontam que embora as notícias sobre homossexuais brasileiros fossem geralmente negativas e condenatórias, quando se falava de gays de outros países estes eram retratados com uma “imagem positiva” (GREEN e POLITO, 2006, p.159).

Isso pode ser explicado de certa forma pela influência dos despachos das agências de notícias que alimentam as notícias dos cadernos internacionais de grandes jornais. O jornalista João Batista Natali, que foi editor de Mundo da Folha de S. Paulo e é autor do livro “Jornalismo Internacional” é quem aponta isso.

Durante os anos mais negros da ditadura foram silenciados os brasileiros que poderiam questionar a política e a economia por ângulos mais amplos. Eram rarefeitas nos jornais daqui reportagens sobre democracia, direitos das minorias, direitos humanos ou o papel do Estado na defesa desses direitos, liberdade partidária e sindical ou novas formas de organização da sociedade – as primeiras ONGs, tais quais as concebemos hoje, estavam ainda para nascer. (NATALI, 2004, p.49)

Natali recorda que a cobertura destes assuntos ficava a cargo das editorias de internacional, que não sofreram censura ao abordar temas como as guerrilhas de extrema esquerda no Uruguai, o golpe que tirou do poder o socialista Salvador Allende, no Chile, entre outros.

3.3 A Coluna do Meio

Dois anos antes da publicação de *Lampião o Brasil* ganha sua primeira coluna gay em um jornal de grande imprensa. Em fevereiro de 1976 surge nas páginas do jornal *Última Hora*, liderado pelo jornalista Samuel Wainer, a “Coluna do Meio”.

Com um título de duplo sentido e bom humor, a “Coluna do Meio” era assinada pelo jornalista Celso Cury, no jornal *Última Hora*, de São Paulo. A coluna fez tanto sucesso que impulsionou a circulação do jornal. Nela, eram divulgados comentários sobre homossexuais famosos do país e do exterior, notícias de bares e clubes noturnos para gays no Rio e São Paulo. (GREEN e POLITO, 2006, p.167)

Segundo Polito e Green, o sucesso da “Coluna do Meio” foi tanto que outros jornalistas passaram a assinar coluna em outros jornais a partir de 1977. Uma das seções da coluna que causava grande repercussão chamava-se “Correio elegante” e publicava classificados pessoais. Por conta disto a coluna sofreu um inquérito do Ministério Público.

A coluna de Cury não teve vida longa. Em outubro de 1976, o Ministério Público do Estado de São Paulo apresentou denúncia contra ele, como incluso no artigo 17 da Lei nº 5.250 (Lei de Imprensa). Arrolado por atentado à moral e aos bons costumes no processo que correu no Departamento de Polícia Federal de São Paulo, acusado de promover, por meio de seu “Correio elegante”, encontros entre pessoas “anormais”, Celso Cury em sua defesa declarou: “Anormal é comer macarrão com arroz e achar supimpa!” Afinal, foi despedido da redação do jornal sob alegação de

que o *Última Hora* passava por crise financeira e precisava reduzi seus quadros. (GREEN e POLITO, 2006, p.169)

Ao final do processo, Curi foi absolvido. O caso foi matéria de capa na edição zero de *Lampião da Esquina*, publicada em maio de 1978. Curi depois passou a figurar entre os colaboradores do *Lampião da Esquina*. Hoje, 30 anos depois, escreve sobre teatro na revista *Junior*.

3.4 Nasce o *Lampião*

Lampião da Esquina tem sua origem associada a vinda de um jornalista gay ao país no final de 1977. Winston Leyland, diretor da editora norte-americana “Gay Sunshine Press”, visitou o país naquele ano em busca de autores que falassem sobre homossexualidade para fazer uma antologia de literatura gay latino-americana. O jornalista homossexual João Antonio Mascarenhas, foi o responsável pela vinda de Leyland ao Brasil (GREEN, 2000, p.430).

A passagem de Leyland pelo país foi coberta pela imprensa. Sua visita foi noticiada em uns 16 artigos publicados em *Veja*, *Istoé*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Pasquim* entre outros. Alguns dos escritores e intelectuais que se reuniram para entrevistá-lo para *O Pasquim* decidiram-se criar um jornal destinado aos homossexuais brasileiros, o *Lampião da Esquina* (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p.83).

Lampião da Esquina contava com um grupo de jornalistas experientes e com uma equipe profissional. O jornal foi um importante divisor de águas, visto que o movimento homossexual brasileiro organizado surge no mesmo período em que *Lampião da Esquina* começa a circular em território nacional.

Por ser um veículo considerado da imprensa alternativa, ou nanica, *Lampião da Esquina* chegou a ser comparado com *O Pasquim*, um dos mais importantes jornais que circularam no Brasil durante o regime militar, como conta o antropólogo Edward MacRae.

O grande pioneiro dessa forma de produção jornalística foi *O Pasquim*, que começou a ser editado no Rio de Janeiro por volta de 1969 e que

sempre se interessou em direcionar suas críticas não só nos aspectos econômicos do regime, mas também em fazer uma contestação cultural mais ampla, ousando empregar expressões da gíria carioca, e misturando discussões políticas como a “curtição” das belezas femininas. (MACRAE, 1990, p.69)

O jornalista Bernardo Kucinski em seu livro “Jornalistas e Revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa”, fala um pouco sobre *Lampião da Esquina*.

Mais duradouro e menos sofisticado foi *Lampião da Esquina*, mensal, com vinte mil exemplares, lançado por Aguinaldo Silva, um dos principais colaboradores de *Opinião*, fundador e conselheiro de *Movimento*. Sua bandeira era mais diretamente o homossexualismo, a defesa aberta e franca dos direitos das minorias sexuais. Contou com a colaboração de Jean Claude Bernardet, Darcy Penteado, Peter Fry e circulou num contexto em que o homossexualismo começou a ser assumido e “aceito no Rio de Janeiro como em nenhuma outra cidade do mundo”. (KUCINSKI, 2003, p.137)

Como não fez parte de seu estudo de caso, Kucinski faz também uma breve síntese da história do periódico e aponta um dado curioso. Embora o jornal não dedicasse espaço a pornografia “sua circulação coincidiu com a explosão pornográfica no país em decorrência da abertura” (KUCINSKI, 2003, p.137).

Lampião da Esquina, no entanto, apresentou uma influência e importância muito maior do que a descrita por Kucinski. O jornal defendeu e promoveu a militância homossexual (MACRAE, 1990, p.88).

Em artigo publicado em fevereiro de 2009 no jornal *O Globo* sobre o ativista homossexual Harvey Milk, homenageado em um filme do cineasta Gus Van Sant, o jornalista Aguinaldo Silva lembra um pouco o espírito daquela época e os ideais que o norteavam.

Naquele ano, um grupo de jornalistas, do qual eu participava, fundou o jornal gay "Lampião da Esquina", cujos passos iniciais foram dados à maneira das guerrilhas: da impressão na Rua do Livramento à distribuição num galpão da Rua da Relação, tudo era feito meio na clandestinidade, às escondidas, por debaixo do pano (Silva, 2009)

O antropólogo Edward MacRae fala sobre o envolvimento de *Lampião da Esquina* com o ativismo em seu livro “A construção da igualdade”.

De fato, o *Lampião* durante os seus três anos de existência publicou um número considerável de matérias relacionadas ao feminismo, várias delas com chamadas de capa. Discutia-se, por exemplo, as questões do aborto e do estupro, houve ampla cobertura do 1º e do 2º Congresso da Mulher Paulista e do Encontro Nacional de Mulheres de 1979, e o número dedicado ao 1º Encontro de Grupos Homossexuais tinha na capa uma enorme foto de uma militante lésbica (MACRAE, 1990, p.74)

Assim como Cury, que respondeu a processo na justiça, *Lampião da Esquina* também foi perseguido pela censura da época. Seus jornalistas foram alvo de um inquérito policial, como conta o antropólogo Edward MacRae.

[...] em agosto de 1978, os editores do jornal haviam sido informados que o departamento de Polícia Federal do RJ decidira abrir um inquérito com vistas a enquadrá-lo, e seus responsáveis, no decreto 1077 da Lei da Imprensa, que trata de ofensas à moral e ao pudor público. (MACRAE, 1990, p.162)

A perseguição ao jornal durou até outubro do ano seguinte, quando a justiça decidiu arquivar o processo contra a publicação. Como quase tudo que permeia a ditadura no país o motivo pelo qual *Lampião* foi alvo de processo é desconhecido, embora o escritor João Silvério Trevisan levante uma hipótese, em seu livro *Devassos no Paraíso*.

Assim, em 1978, quando da perseguição jurídico-policial que quase fechou o jornal *Lampião*, então definido pela mídia como “porta-voz dos homossexuais brasileiros”, descobriu-se que a autoridade federal responsável pela repressão tinha histórias pouco recomendáveis no seu passado – e provavelmente temia que a “imprensa guei” revelasse isso em fofocas de coluna social. (TREVISAN, 2007, p.56)

Na época, o jornal foi “salvo” por membros do grupo ativista Somos, que além de distribuir exemplares, participavam de reuniões de pautas da publicação e fizeram até um abaixo assinado em prol do jornal.

3.5 Tempos difíceis

Nem tudo foi um mar de rosas na vida de *Lampião da Esquina*. O jornal também passou por algumas crises, tanto financeiras quanto editoriais.

Os conflitos em que Lampião se viu envolvido foram inúmeros e de todos os tipos políticos, econômicos, pessoais, estéticos, etc. Mais do que os erros de uma determinada política, eles refletiam a grande diversidade de opiniões existentes não só na redação do jornal, mas também entre o seu público leitor. Esse era sabidamente heterogêneo em termos de classe, cultura, idade, ideologia, política, localização geográfica, etc. (MACRAE, 1990, p.89)

João Silverio Trevisan, em entrevista a revista G Magazine publicada em janeiro de 2008 explica um pouco sobre a crise financeira e ideológica que contribuiu para o fim do jornal.

[...] as coisas começaram a mudar, para mim, em 81, quando fizemos o número mais político e, em contrapartida, o menos vendido do Lampião, que trazia na capa o Fidel Castro vestido de Carmem Miranda. Conseguimos entrevistar até o importante escritor cubano Reinaldo Arenas, também homossexual e que fugiu de Cuba na época. [...] Em compensação, houve uma capa de um rapaz seminu com uma chamada sobre masturbação, que vendeu como água. Nesse momento, o pessoal do Rio começou a criar um esquema que a mim não parecia outra coisa senão apelar para vender mais. Comecei a ficar cabreiro: “essa bosta vai virar *Notícias Populares* para viado”. Logo em seguida, defendi que o jornal fechasse, porque já tinha cumprido seu papel. Ele fechou em 1981. (Trevisan 2008)

O envolvimento do jornal com grupos militantes também teve suas complicações e períodos de turbulência, como explica MacRae:

Embora durante a maior parte de sua existência o Lampião tenha defendido e promovido a militância, a partir de um determinado momento a posição do jornal tornou-se francamente agressiva em relação aos grupos, e as manchetes e artigos publicados serviram para divulgar pelo país inteiro uma grande desconfiança a respeito de qualquer política homossexual. (MACRAE, 1990, p.88)

Essa crise, claro, se refletiu diretamente nas pautas.

Os últimos números do jornal começaram a refletir cada vez mais a convicção de Aguinaldo Silva de que não se estava oferecendo o produto que o mercado queria e que o ativismo só apelava à minoria de uma minoria. Mas, apesar de começar a dar mais ênfase às reportagens sobre temas como masturbação, prostituição, travestis, etc., o jornal não conseguiu aumentar suas vendas. (MACRAE, 1990, p.88)

A ambigüidade em torno do ativismo e de pautas consideradas mais sexuais ou apelativas ou mercadológicas, é algo que se estende até hoje no jornalismo gay.

Trinta e um anos depois do jornal com nome de cangaceiro ser lançado, a aparente disparidade entre o agressivo conteúdo militante dele e o design arrojado e com belos homens das revistas mairias bonitas atuais ainda vai

continuar. Como em todo bom casamento, o Lampião ainda briga com as mairas bonitas por serem bonitas demais e não dispararem tiros contra os inimigos homofóbicos que, como os do cangaceiro, também eram pessoas poderosas preocupadas em manter a ordem vigente. (JUNIOR, 2009, p.43)

O escritor paulista João Silvério Trevisan dá uma pista de que a pluralidade e heterogeneidade da comunidade gay possam ser motivadores deste fator.

No Brasil, é arriscado referir-se a uma “comunidade guei”, tal como se pode fazer nos Estados Unidos, por exemplo. Nossas expressões de homossexualidades são tantas, e com tal diversidade, que chegam a ser conflitantes. Numa mesma categorização tendem a se misturar discrepantemente homossexuais de todas as classes, profissões e estilos, desde profissionais de renome até pessoas à margem de tudo. (TREVISAN, 2007, p.407)

Com a abertura política começando a ser vista no horizonte, a dificuldade em manter o jornal circulando e disputas ideológicas em torno de *Lampião da Esquina*, após 3 anos o jornal deixaria de ser publicado, em junho de 1981.

3.6 Anos 80 – um hiato gay

Durante os anos 80 novos fatos começam a mudar novamente o que era conhecido então da comunidade gay. O principal deles, sem dúvida, foi o surgimento da epidemia de Aids, que vitimou muitos homossexuais.

A síndrome da imunodeficiência adquirida, causada pelo vírus HIV, gerou pânico entre as pessoas. João Silvério Trevisan faz um relato em *Devassos no Paraíso* de um cenário um tanto quanto apocalíptico.

A partir daí, essa doença, considerada predominantemente americana e rica, invade com sensacionalismo os meios de comunicação e o cotidiano dos homossexuais brasileiros. Os jornais especulam sobre o “câncer guei” (por causa do sarcoma de Kaposi) ou, simplesmente, “peste guei”, já que a doença vem atacando sobretudo homossexuais, no mundo todo. [...] Em São Paulo noticia-se que um casal de bichas se suicidou por medo da Aids. Depois de uma entrevista publicada na imprensa, a Dra. Valéria Petri, especialista em dermatologia, passa a receber uma média diária de 200 telefonemas locais e interurbanos, com gente aflita pedindo informações sobre a doença. (TREVISAN, 2007, p.429 e 430)

Apesar disso, e como diz o próprio Trevisan, a Aids também teve seu aspecto positivo ao permitir a presença e proximidade da morte, fazendo com que as pessoas, homossexuais ou não, pudessem viver com mais intensidade.

Certa médica comentou com um amigo meu que o vírus HIV só existe para privilegiados. Fiquei chocado, de início, mas não demorei a entender. Só privilegiados conseguem viver a experiência da vida com a intensidade proposta pela presença da morte anunciada. Viver alguns anos (não importa se três, dez ou vinte) sob a ótica da morte real é uma experiência tão radical porque implica a possibilidade de *viver uma vida inteira em poucos anos*. (TREVISAN, 2007, p.517 e 518)

Franco Reinaudo e Laura Bacellar falam, no livro *O Mercado GLS*, sobre a importância da doença em visibilizar demandas de políticas públicas, o que gerou necessidade de que homossexuais se assumissem.

A explosão da epidemia da AIDS e toda a luta social para que a doença fosse reconhecida e combatida sem discriminação teve fortes reflexos na cultura gls. A morte de muitos gays famosos, assim como toda a insistência dos movimentos glbt pela visibilidade para a obtenção do tratamento adequado, provocou uma “saída do armário” em massa, assim como o apoio de setores mais progressistas da sociedade. (REINAUDO e BACELLAR, 2008, p.46)

Neste período o Brasil não registrou publicações gays não pornográficas. Em matéria publicada na edição de outubro/novembro de 2009 da revista *Junior*, o jornalista e professor da ECA-USP Ferdinando Martins faz um panorama das revistas gays existentes no período.

O médico e jornalista carioca Maurício Aricó foi responsável por modificar esse cenário no Brasil. Aficionado por publicações estrangeiras que mostravam homens sarados sem roupa, lançou em 1987 a revista “Spartacus”, que durou 15 números e trazia fotos de modelos nacionais _geralmente go-go bous da cena carioca ou “modelos pouco conhecidos. Depois de “Spartacus”, Maurício publicou, a partir de 1991, a revista “Alone”, que sobreviveu até o número 32, naufragando após sua morte. (MARTINS, 2009, p.61)

3.7 Anos 90 - a moda gls

Reinaudo e Bacellar apontam que no mundo,

Os anos 90 viram empreendimentos gl pequenos se transformarem em grandes empresas, e as grandes empresas do mercado tradicional acordarem para o potencial do segmento gls e fazerem esforços para conquistá-lo (REINAUDO e BACELLAR, 2008 p.47)

No Brasil, em se tratando das questões gays, o período também foi marcado por esta mudança na mentalidade.

Essa conjunção de espírito democrático, acesso à informação e contato com culturas estrangeiras provocou uma verdadeira explosão de negócios voltados para o público gl [...] Surgiram os primeiros negócios gerenciados ou de propriedade de gays e lésbicas assumidos, que consideravam parte de seu posicionamento no mercado uma estratégia muito clara, positiva e dirigida ao público homossexual. Aliás, foi nessa década que surgiu a sigla gls, de gays, lésbicas e simpatizantes, para indicar locais, produtos e serviços com uma postura deliberada de respeito à diversidade (REINAUDO e BACELLAR, 2008, p.62 e 63)

Neste período destaca-se a revista *Sui Generis* que circulou entre 1994 e 2000 e foi a primeira publicação brasileira a estampar um beijo gay na capa.

A revista *G Magazine*, considerada um verdadeiro case de sucesso, pelas tiragens que publica, chegou ao mercado em 1997, sob o título *Banana Louca*.

Enquanto *Sui Generis* procurava tratar de assuntos que estavam na pauta dos homossexuais e dedicava suas páginas a artigos de homossexuais conhecidos e respeitados como João Silvério Trevisan e a cantora Vange Leonel, a *G Magazine* destina-se a publicação de fotos de nu masculino além de algumas pautas e colunas.

3.8 Dias atuais

Durante muito tempo a revista *G Magazine* reinou absoluta no mercado editorial brasileiro de venda em bancas. Outras publicações voltadas ao público homossexual também circulam no Brasil e formam um interessante e intrincado mercado.

De publicação gratuita em São Paulo, destacam-se duas revistas, também de distribuição gratuita e em formato pocket, que circulam em locais de freqüência

homossexual: a revista *Odyssey*, publicada desde 2004 e *A Capa*, lançada fevereiro de 2007.

Apesar de insistirmos em dizer que não, há muitas opções de lazer, consumo e cultura, principalmente as ligadas à noite e as suas vertentes, para os gays brasileiros. No entanto, sentíamos que faltava algo que falasse desses assuntos sem presunção. Foi por isso que lançamos o *A Capa*, que começou com um site. Na época de seu lançamento, ficava a dúvida se iríamos conseguir conquistar nossos leitores. Hoje, sete meses depois, posso afirmar que sim. [...] Também conseguimos credibilidade e reconhecimento de anunciantes, amigos, artistas, militantes, parceiros e do resto da imprensa. Agora, mais preparados e experientes, lançamos a revista, que é gratuita e direcionada, principalmente, para o gay masculino. (CUSHMAN, 2007, p.3)

Odyssey anunciou que a edição de novembro de 2009 seria seu último número. Seus editores partem para um novo empreendimento do mercado editorial gay, a revista *Wow Magazine*.

Há 05 anos a Revista *Odyssey* tem trazido entretenimento ao mundo gay [...] Na continuidade do processo de crescimento, um novo caminho já está traçado, sob uma nova arquitetura, sob um novo nome. É isso mesmo! A *Odyssey* vai se despedir e abrir espaço para uma nova publicação. (DELGADO, 2009, p.8)

Dentro do mercado editorial formal e mais profissionalizado, o Brasil viveu um momento especial recentemente. Em um intervalo de meses, entre o final de 2007 e maio de 2008, o país viu surgir três publicações diferentes voltadas ao público gay: as revistas *Junior*, *Dom* e *Aimé*.

Em setembro de 2007 chegou ao mercado, pela editora Sapucaia e o grupo Mix Brasil, dono do portal de mesmo nome, a revista *Junior*, dirigida pelo jornalista e empresário André Fischer, que, por dez anos assinou a coluna “GLS” da *Revista da Folha*. Os ideais da revista logo foram apresentados por ele no editorial da primeira edição.

Você sabe há quanto tempo acompanhamos a efervescência do mercado editorial gay no exterior? Anos e anos, morrendo de vontade de fazer uma revista bacana por aqui. Ela seria assumida sem ser militante, sensual sem ser erótica, cheia de homens lindos, com informação para fazer pensar e entreter. (FISCHER, 2007, p.11).

Dom e *Aimé* se apresentaram ao público de maneira similar. Em seu primeiro editorial, Augusto Lins Soares, editor e idealizador de *Dom*, publicada inicialmente pela Editora Peixes, apresentou também os valores que norteiam o foco da revista.

DOM (De Outro Modo), sua revista de atitude, estilo e prazer. A idéia deste projeto nasceu nos anos 1990, quando eu ainda morava em Recife e comprava feliz da vida, a querida e saudosa *Sui Generis* [...] Sua fórmula editorial mescla comportamento, moda, cultura, beleza, bem-estar, gastronomia, viagem, tecnologia... Tudo que interesse a quem busca informação com inteligência. (SOARES, 2007, p.8)

A revista *Aimé* surgiu em maio de 2008, publicada pelo grupo Lopsos e foi a de mais curta duração, chegou apenas até a sexta edição, sem uma periodicidade muito constante.

Dom foi mais longe. A crise financeira atingiu a Editora Peixes, o que fez que a empresa abandonasse o título no final de 2008. Em 2009, *Dom* voltaria a ser publicada pela Fractal, a mesma editora da G Magazine (HAILER e MAGALHÃES, 2009), mas a empreitada durou apenas cinco números (LLISTÓ, 2009).

O último exemplar da revista *Dom* chegou às bancas em julho de 2009, com o ator global Julio Rocha estampando sua capa.

Enquanto isso *Junior* além de se manter no mercado tem uma história curiosa. Nasceu trimestral e se tornou bimestral na edição 2. Em seu quinto número mudou de editora, sendo publicada pela House of Palomino, da jornalista de moda Erika Palomino. Hoje pertence à editora MixBrasil.

CAPÍTULO 4

Estudo de caso

Em 09 de outubro de 2007 o jornalista Leandro Colling, em artigo publicado no site Observatório da Imprensa, pouco tempo depois do lançamento da revista *Junior*, afirma que o Brasil não possui ainda uma revista gay.

O ator Carlos Casagrande, que representou um gay (?) na novela *Paraíso Tropical*, é elogiado. Ou seja, é exatamente dentro da heteronormatividade que a revista, que se diz gay, trabalha. É a total vitória do discurso heterossexual [...] Conclusão: a rigor, ainda não temos uma revista gay brasileira ou, pelo menos, ainda não temos um meio de comunicação que contemple a diversidade de nossa comunidade gay. Até quando? (SITE OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2007)

Para o autor, a revista sofre de uma falta de identidade nacional ao se espelhar no modelo de revistas gays estrangeiras como a francesa *Têtu* e a norte-americana *Out*.

A julgar pela crítica feita por Colling, a revista *Junior* nasceu com alguns problemas. Para ele “jornalisticamente, a revista é muito ruim. Não há nenhum texto que sequer se aproxime de uma reportagem. As oito entrevistas em estilo pingue-pongue seguem o mesmo nível de superficialidade” (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2007).

Como já vimos, *Junior* foi criada em 2007, em um contexto político de regime democrático, diferente do jornal *Lampião da Esquina*, que fez parte da imprensa alternativa e circulou durante a ditadura militar.

Se 29 anos afastam um veículo de outro, que outras características além do binômio tempo/espço, os aproximariam ou contribuiriam para diferenciá-los ainda mais?

A jornalista Marília Scalzo, que passou pelas revistas *Playboy*, *Veja São*

Paulo, Casa Claudia, entre outras, e é autora do livro “Jornalismo de Revista”, aponta o que pode ser uma das primeiras diferenças entre os veículos: os meios.

Enquanto o jornal ocupa o espaço público, do cidadão, e o jornalista que escreve em jornal fala sempre para uma platéia heterogênea, muitas vezes sem rosto, a revista entra no espaço privado, na intimidade, na casa dos leitores. Há revistas de sala, de cozinha, de quarto, de banheiro... (SCALZO, 2003, p. 14)

O presente estudo tem a intenção de mostrar se houve evolução ou retrocesso na linha editorial adotada por *Junior* durante seus dois anos de existência, comparativamente a linha de *Lampião da Esquina*.

A comparação ganha força visto que em uma matéria publicada na 10ª edição da revista *Junior*, a publicação parecer reconhecer a influência do periódico que a precedeu 3 décadas antes.

O *Lampião da Esquina* continua sendo a mais corajosa iniciativa de veículo gay no Brasil, e influencia, sobremaneira as atuais redações voltadas para este público no país. A digitalização de suas edições favorecerá muito a memória da cultura gay nacional. (JUNIOR, 2009, p.43)

Para o estudo foram selecionados 4 exemplares da revista *Junior* e 4 do *Lampião da Esquina*. Ambos os veículos foram escolhidos por serem representativos para sua época. *Lampião* pelo pioneirismo, *Junior* por ter sobrevivido a concorrência de duas outras revistas.

Quanto às edições escolhidas para análise estão a edição 31 e 33 do jornal *Lampião da Esquina*, que tratam de masturbação e homossexualidade em cuba, respectivamente. São também as edições mais e menos vendidas do periódico. Foram selecionados para análise também as edições 0 e 37 por marcarem o início e o fim do jornal.

Para a revista *Junior* foram escolhidas as edições 1 e 3. A primeira por ser a inaugural, a terceira por apresentar mudanças no formato e no projeto gráfico e editorial. Também fazem parte do estudo as edições 10 e 13 por serem bastante diferentes das primeiras edições em termos de conteúdo e diagramação.

A primeira coisa a ser apontada é em relação às chamadas de capa. Na edição número 1, publicada em setembro de 2007, o texto de maior destaque na capa da revista *Junior* é “3, 2, 1... Chegou a hora”, no que parece ser uma auto-referenciarão em torno de o país ter uma revista gay, visto que o editorial da publicação, assinado por André Fischer, editor executivo do projeto, chama-se “Chegou a hora”.

Esta auto-referência também se faz presente na capa da edição 10, com chamada “10 Homens que Amamos Leonardo Vieira, Tuca Andrada, Ney Matogrosso e François Sagat estão no nosso dream team”. A capa da edição 13 também traz uma chamada que pode ser considerada ambígua. O termo “Sorte Sua” é utilizado para destacar uma matéria, cuja chamada é “Figa, trevo, olho grego, ferradura e alguns gatos para realizar sonhos”.

Lampião da Esquina, por sua vez, inaugura seu projeto de publicação voltada a homossexuais, com duas chamadas de capa que chamam a atenção dos leitores. A primeira, publicada no alto da página horizontalmente é “Homo eroticus Um ensaio de Darcy Penteado”. Outra chamada que se destaca por estar exatamente no meio da capa é “Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?”.

Darcy Penteado foi um artista plástico e escritor, figurou no conselho editorial do jornal *Lampião da Esquina*. A edição número 0 traz um breve perfil de cada membro do conselho. Darcy é descrito como “uma das figuras mais importantes do front cultural paulista, foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais” (LAMPPIÃO, 1978, p2).

Celso Curi, como já vimos, foi responsável pela “Coluna do Meio”, a primeira coluna gay do país, publicada no jornal *Última Hora* paulista.

A edição número 3 da revista *Junior* foi a primeira a contar com a palavra “gay” estampada na capa. Seu diretor André Fischer atentou para o fato no editorial e explicou que isso se deu por conta de uma pauta. “Também acreditava que usar o

termo gay na capa poderia ser arriscado, até que surgem os Gay Bikers e jogam por terra, qualquer enrustimeto vocabular” (JUNIOR, 2008, p.12)

Em contra partida, o jornal *Lampião da Esquina* publica desde o número 0 palavras que deixam claro o conteúdo gay da publicação. É o caso da chamada “Homo erectus um ensaio de Darcy Penteado ” e da chamada “Exclusivo Garcia Lorca também assume”.

Uma chamada irônica aparece na edição 31 do jornal chamando atenção para o racha que ocorre entre o veículo e o movimento homossexual da época. “Convergetes, homossexualérrimas, lampionetes: quanto ativismo”, brinca com a disputa de poder nos espaços da esquerda da época em que “convergetes” se refere aos membros do grupo Convergência Socialista e “lampionetes” aos editores da publicação (LAMPIÃO, 1980, p14).

Na capa da edição 33 do jornal há uma ilustração onde Fidel Castro, então governador da ilha de Cuba, aparece travestido de Carmem Miranda. O desenho contém um balão de fala em que aparece escrita a frase: “Yo no creo em maricones, pero que los hay, los hay” (Não acredito em homossexuais, mas que eles existem, existem”).

Por fim, na derradeira edição de número 37, uma das chamadas é o questionamento “viado gosta de apanhar?”. “A questão guei invade o teatro” e “Homossexual se afoga após fotografar garoto nu” também aparecem. Como se essas chamadas não fossem suficientes para deixar claro o teor gay do jornal, há uma pergunta voltada aos leitores que mantêm um relacionamento com outros homens: “Enquete: O que o senhor faria se visse seu marido beijando outro homem?”.

Enquanto isso, nas edições analisadas da revista Junior a palavra “gay” aparece de maneira tímida nos números 10 e 13. Na edição 10, no canto inferior esquerdo da capa, está a chamada “Marina Lima: ‘Tenho inveja do gays que podem ir às saunas”. Já na edição 13 o texto na capa é “Muito macho Mr Gay Brasil diz que

é bofe”. Outra chamada mais explícita na capa da edição 13 é “Beija eu! Dois homens beijando incomodam muita gente”.

Além de ser a primeira com a palavra gay na capa, a edição 3 da revista *Junior* é a primeira a publicar matéria assinada por uma mulher. Essa mudança não é mera coincidência e é ressaltada no editorial, assinado por André Fischer.

Se você está chegando agora, bem-vindo. Se já passou pelos números 1 e 2, percebeu que não existe uma fórmula fechada para a JUNIOR [...] Ser gay e conservador é quase uma contradição, no mínimo desperdício de tempo. Estamos prontos para mudar, e por isso nos expomos sempre a novas experiências. [...] Achávamos que não teríamos moços sem camisa na capa tão cedo. [...] Nossa editora mudou o tamanho de todas as suas publicações para racionalizar recursos e melhor adaptá-las às demandas do mercado. Assim, chegamos às bancas de formato novo. Antes defendia a presença exclusiva de colaboradores homens, como uma espécie de reserva de mercado. Só que Nina Lemos ofereceu depoimento divertidíssimo sobre suas viagens com amigos gays e Cláudia Guimarães clicou o ensaio bacana sobre ciclistas. (JUNIOR, 2008, p.12)

Enquanto Junior assume publicamente que ter colaboradoras no expediente não fazia parte de seu plano, *Lampião da Esquina* vem a público, em uma nota na seção “Esquina” e intitulada “Mulheres do mundo inteiro...”, assinada por Aguinaldo Silva, explicar a ausência de mulheres no time que faz o jornal.

Tudo começou quando Winston Leyland, da Gay Sunshine Press, esteve no Brasil coletando material para uma antologia de autores homossexuais latino-americanos, a ser publicada este ano sob patrocínio do Congresso dos Estados Unidos. As mulheres escritoras procuradas por ele reagiram de forma bastante estranha – não só deixaram bem claro que não estavam interessadas em participar da antologia, como algumas até se recusaram a falar com ele. A ausência de mulheres em *LAMPIÃO* não é, fique bem claro, por culpa de seu conselho editorial; convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam à disposição. Uma das questões que este jornal pretende levantar é a do feminismo e, pelo menos quanto a este tema específico, as mulheres homossexuais não podem ser furtar; no caso das mulheres, a discriminação é bem mais complexa, e independe de suas preferências sexuais. (LAMPIÃO, 1978, p.5)

A ausência de mulheres escrevendo no *Lampião da Esquina* foi tema de uma carta de um leitor anônimo, que se diz heterossexual, publicada na seção “Cartas na mesa” na edição 1 do jornal. Na carta o leitor chama atenção para 4 tópicos que sentiu falta na edição experimental, como, por exemplo o bom humor. Um deles é a participação feminina.

2 – Participação feminina. Praticamente só homens (?) escrevem. Há muitas mulheres entendidas (nos dois sentidos) que podem dar uma perfeita colaboração. Há escritoras que são gueis, há mulher guei em todo canto. Em minha cidade, por exemplo, há mais mulheres gueis do que homens gueis. (LAMPPIÃO, 1978, p.15)

A redação do jornal respondeu à carta do leitor anônimo comentando que “As mulheres, neste número, estão perfeitamente integradas ao nosso projeto”. (IBIDEM). De fato, entre o nome “Mariza (Campinas)”, figurou entre os colaboradores da edição 1.

A propósito da seção “Cartas na Mesa”, onde *Lampião da Esquina* publicava mensalmente, desde a edição 0, as cartas recebidas pelos leitores, a revista *Junior* não possui uma seção de cartas ou comentários dos leitores sobre a publicação.

Algumas das cartas publicadas pelo *Lampião da Esquina* eram respondidas pela equipe do jornal, ou pelo outro jornalista a quem se dirigisse o comentário feito pelo leitor.

É interessante observar que nas quatro edições analisadas de *Lampião da Esquina*, em 20 cartas, 3 são assinadas por nomes femininos, 6 tem seus nomes completos identificados – um deles, Walmir Souza Lima, enviou duas cartas, publicadas nas edições 31 e 33. As outras 9 são assinadas por pseudônimos. Há os que assinam com um nome e os que só grafam a letra inicial do sobrenome.

Uma das cartas, publicada na edição 33, é assinada por alguns grupos gays da época: o GRUPO SOMOS/RJ, GRUPO/AUÊ/RIO e BANDO DE CÁ/NITERÓI, que protestam ante uma nota publicada na seção “ativismo” da edição 31. Isso mostra que mesmo com desentendimento entre grupos ativistas e o jornal homossexual, *Lampião da Esquina* dava espaço para o ativismo.

O lado politizado, irônico e combativo não deixa de aparecer nem em uma edição considerada sexualizada, a de número 31, cuja principal chamada na capa é “Masturbação – O prazer da Maioria”. Das 20 páginas daquele número, 7 são dedicadas ao tema masturbação, sendo incluído ainda um conto do escritor paulista João Silvério Trevisan, intitulado O Onanista, e duas matérias sobre a masturbação feminina.

A seção “ativismo” ocupa 3 páginas da publicação. Os três principais artigos “Lampiãoicos: ativistas, astronautas?”, “Mendigos da normalidade” e “Convergindo: da Mesopotâmia a Richetti”, são assinados por Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan e Darcy Penteado, respectivamente.

Em carta intitulada “Surpresos e decepcionados”, publicada também na edição 31, alguns grupos queixam-se do afastamento do jornal da militância homossexual.

Já há algum tempo que, com grande perplexidade, começamos a observar o gradual afastamento do jornal *Lampião* dos grupos ativistas homossexuais. Tal distanciamento culminou no nº29, onde não houve menção alguma a respeito dos grupos, não sendo sequer publicada a costumeira (?) seção “Escolha Seu Grupo”. Essa atitude nos deixa surpresos e decepcionados, pois não a compreendemos. Sabemos que o *Lampião* nunca quis se comprometer com algum grupo em especial, nem ser um jornal essencialmente ativista, o que respeitamos e achamos muito justo. Mas daí a rejeitar o ativismo dos grupos em geral, vai uma distância muito grande, inclusive porque os grupos sempre apoiaram e colaboraram para a existência do nosso jornal. [...] (LAMPIÃO, 1980, p.12)

Sem dar espaço ou voz a grupos de militantes homossexuais, a revista *Junior* publica em sua 10ª edição 3 matérias que discutem outras questões além de comportamento, estilo de vida e estética. São elas, “Bafo de Doritos”, em que a revista se debruça na repercussão de uma propaganda de salgadinho que gerou polêmica na internet; “Deus é Di-vi-no”, em que o jornalista Hélio Filho reporta o pensamento dos representantes e fiéis de igrejas cristãs inclusivas, que aceitam homossexuais; e “O Horror” em que são retomados ao longo de quatro páginas o

caso de assassinato de 14 homossexuais entre os anos de 2007 e 2009 em um parque localizado na cidade de Carapicuíba, na Grande São Paulo.

A edição 13 da revista *Junior* também investe em algumas reportagens menos herméticas, como a matéria “Como será o amanhã?”. Seu mote é a vida de homossexuais idosos em asilos e a disparidade entre viver abertamente uma vida gay e voltar para o armário na velhice. Na outra ponta a matéria “Sozinho no recreio” faz um breve panorama de como as escolas tem tratado o tema da homossexualidade com a intenção de diminuir o isolamento dos alunos gays.

É importante destacar o fato de *Junior* investir em reportagens e textos em suas edições 10 e 13. Uma análise quantitativa auferida por este estudo constatou nas edições 1 e 3 da revista *Junior* uma certa disparidade de equilíbrio entre o espaço destinado a conteúdo editorial na forma de textos – considerando conteúdo a capa, e seções como editorial, sumário e espaço destinado a apresentação dos colaboradores - e fotos – seja para ilustrar matérias, editoriais de moda ou a publicação do trabalho de um artista cujo tema seja o homoerotismo ou a masculinidade.

Na tabela 1, sobre a quantidade do número 1 da revista destinada a espaço publicitário, fotos e textos podemos perceber isso de maneira melhor.

ED 1	
Total	116 pg
Publicidade	16 pg
Fotografia	53 pg
Conteúdo textual	47 pg

Tabela 1

A tabela 2, sobre o número 3 é a que apresenta a maior disparidade. Mais da metade das páginas da revista são ocupadas por imagens.

ED 3	
Total	132 pg
Publicidade	14 pg
Fotografia	78 pg
Conteúdo textual	40 pg

Tabela 2

Em seguida, as tabelas 3 e 4 mostram um maior equilíbrio na distribuição entre fotos e textos pelas páginas da publicação

ED 10	
Total	116 pg
Publicidade	15 pg
Fotografia	41 pg
Conteúdo textual	60 pg

Tabela 3

ED 13	
Total	100 pg
Publicidade	14 pg
Fotografia	29 pg
Conteúdo textual	56 pg

Tabela 4

Dentre as edições analisadas, a edição 13 de *Junior* é a que parece mais bem amarrada editorialmente. A própria equipe da revista reconhece que a publicação parece ter encontrado seu caminho após 2 anos.

Você vai notar que essa edição se parece um pouco com a anterior. Os ensaios, matérias e reportagens trazem fotos e textos absolutamente diferentes. Mas pela primeira vez a estrutura da JUNIOR é a mesma. Algo que as revistas em geral fazem em todas as edições, para nós é algo inédito. Consideramos ter chegado a um formato de colunas, seções e projeto gráfico que nos parece ideal. Pelo menos por enquanto. (JUNIOR, 2009, p.6)

Faz-se pertinente observar a questão do anúncio. Junior publica muito mais peças publicitárias do que *Lampião da Esquina*. A edição número 0 do jornal saiu com apenas um anúncio, do livro “Primeira carta aos andróginos” do jornalista e escritor Aguinaldo Silva. Há espaços em branco na diagramação de algumas entrevistas, destinados a anúncios que não foram veiculados. Em nota na seção

“Cartas na Mesa” os editores chamam atenção para o fato de o jornal precisar de verba de publicidade para se pagar.

A sobrevivência do nosso jornal depende também de anúncios. Se você é um possível anunciante, de mentalidade avançada e sem preconceitos, dê-nos o seu apoio lembrando que também consumimos tudo o que os demais consomem. É verdade que somos uma parcela da população do país que é considerada minoria mas que, apesar disso, chega a ser alguns milhões (você sabia?) Portanto, aqui está um potencial de energia (e de consumo) que ainda não foi inteligentemente aproveitado. Mande-nos a sua sugestão na forma de um anúncio da sua firma ou produto. (LAMPPIÃO, 1978, p.14)

Diferente da *Junior*, nenhuma página inteira do jornal *Lampião da Esquina* foi tomada por conteúdo publicitário. Todavia, nas edições 31, 33 e 37 é possível identificar anúncios de uma gráfica, um escritório de contabilidade no Rio de Janeiro. Saunas e termas do eixo Rio-São Paulo, a biblioteca universal guei, com livros editados pela editora de *Lampião da Esquina*. Havia também anúncios do próprio jornal chamando os leitores a assinarem a publicação.

Entre os mais curiosos está o anúncio de uma loja que comercializa presentes e artigos em geral. Anúncios de peças teatrais, como o espetáculo *Gay Fantasy*, estrelado por Rogéria e dirigido por Bibi Ferreira também estiveram no jornal. Dois dos maiores anúncios diziam respeito a uma revista chamada *Pleiguei* que estava por ser editada pelo Aguinaldo Silva e um show do grupo performático *Dzi Croquetes* que marcaria o lançamento da editora *Da Esquina*, que publicaria os livros da “biblioteca universal guei”.

A questão do consumo marca a revista *Junior* não só em termos jornalísticos e de pautas, tendo em vista que já na primeira edição a publicação chegou às bancas com anúncios de marcas de roupas, companhias de viagens e a loja *Fnac*. Na 10ª e na 13ª edição é possível também perceber a presença de anúncios de saunas, termas e pousadas.

A grande preocupação de *Junior* é produzir uma revista norteadada por um conceito de belo, no qual se enquadram as questões de turismo, lazer, consumo,

moda e corpo. No entanto algo em sua formulação tende a um equilíbrio, que pode ser considerado de fato inédito e pioneiro, em mesclar jornalismo e entretenimento.

Lampião da Esquina procurou por sua vez, além de abordar temas espinhosos, como a violência cometida por policiais, trazê-los sobre a ótica de politizar o leitor homossexual. Para isso o jornal se utilizava de termos irônicos e apelava para palavras de forte impacto como “bicha” e “viado”, numa forma de se apropriar de um linguajar ofensivo a fim de promover uma auto-estima homossexual.

Mesmo afirmando em seu número 0, na resposta a carta de uma leitora, que publicar fotos de nu não faz o gênero adotado pelo projeto (LAMPIÃO, 1978, p.14), o jornal publicou em uma página de sua derradeira edição de número 37 quatro fotografias de um rapaz nu.

Por mais que mantivesse sua postura escrachada, irônica e combativa, *Lampião da Esquina* acabou no momento em que tinha que acabar, após cumprir um importante papel de suscitar a discussão da homossexualidade em um contexto de repressão e fomentar o ativismo homossexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não à toa o título deste trabalho fala das evoluções e involuções no jornalismo gay. A presente monografia constatou uma enorme diferença entre as linhas editoriais de *Lampião da Esquina* e a revista *Junior* no que diz respeito a informação publicada em veículos voltados ao público homossexual.

Essa diferença fica ainda mais acentuada quando é apresentado o contexto no qual as publicações são editadas. Enquanto *Lampião da Esquina* circula em um Brasil regido pela ditadura militar, a revista *Junior* goza da liberdade de ser editada em um regime democrático.

Embora nesses 30 anos que separam um veículo do outro, o país tenha avançado em algumas questões relativas aos direitos homossexuais – algumas cidades contam com órgãos municipais de atenção à diversidade sexual, a cirurgia de adequação sexual está prevista no atendimento pelo SUS, existe jurisprudência e leis que asseguram a não discriminação e seguridade por morte de companheiro de mesmo sexo – o Brasil é o lugar onde mais se mata homossexuais no mundo, segundo relatório do Grupo Gay da Bahia.

Sendo assim é de se estranhar que *Lampião da Esquina* promova e adote uma linha de certa forma militante, enquanto *Junior* não. Uma das causas apontadas por este trabalho que pode explicar tal paradoxo é a auto-referenciação que circunda *Junior*. A revista muitas vezes serve mais aos interesses de seus editores do que do público ao qual se destina. Daí sua involução.

A semelhança de *Junior* com alguns títulos gays de outros países pode ser problemática. Por mais globalizadas que sejam as cidades em que a publicação circula há de se destacar que a revista precisa encontrar uma identidade que seja própria dos leitores daqui.

Encontrar tal identidade e equilíbrio em uma comunidade formada por leitores tão díspares e de interesses tão conflitantes é tarefa árdua e complicada. No entanto, em sua edição de número 13, a revista *Junior* mostrou que está no caminho para isso.

Por ser remanescente de um considerado “boom” do mercado editorial e, com a notícia de uma nova publicação surgindo, a revista tem a grande responsabilidade de sobreviver. Nada indica, por hora, que *Junior* irá tomar o caminho adotado por *Lampião da Esquina* durante sua trajetória e nem que vá se render a publicar ensaios de nus masculinos.

No entanto, para se manter no mercado, é preciso cada vez mais dialogar com o público. *Lampião da Esquina* fazia isso bem, o que significa que a revista tem em seu próprio país um exemplo em que se espelhar. O segredo está em encontrar como fazer isso sem adotar uma linha saudosista e sem criar tanta resistência quanto a posturas politizadas ou militantes.

Até porque diante das perseguições até hoje direcionadas aos homossexuais, a publicação de fotos homoeróticas ou que mostrem a beleza do corpo masculino podem ser considerado militância, assim como a própria existência da revista e o espaço que é ocupado por ela nas bancas de jornal.

João Silvério Trevisan, em sua obra “Devassos no Paraíso”, lembra o poeta italiano Pier Paolo Pasolini, para quem o “tabu da homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos morais das sociedades pós-industriais, com base em novos e velhos argumentos”.

Ajudar a quebrar ou desconstruir esses argumentos é, ou deveria ser, papel da imprensa gay.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

GREEN, James N. *Além do Carnaval – A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos Trópicos – Fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870 – 1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LIMA, Marcos A. A. De alternativa a grande mídia: historiografia resumida da imprensa homossexual no Brasil. In: WOITWICZ, Karina J. (Org). *Recortes da mídia alternativa – histórias & memórias da comunicação no Brasil*. Paraná: Editora UEPG, 2009.

MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade – Identidade Sexual e Política no Brasil da “Abertura”*. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. São Paulo: Contexto, 2007.

REINAUDO, Franco.; BACCELLAR, Laura. *O mercado gls – como obter sucesso com o segmento de maior potencial da atualidade*. São Paulo: Editora Idéia e Ação, 2008.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Valmir Adamor da. *Homossexualismo na vida dos grandes*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987

SIMÕES; Julio A.; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris – Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2009.

TORRÃO FILHO, AMILCAR. *Tríades, galantes, fanchonos, militantes – Homossexuais que fizeram história*. São Paulo: Edições GLS, 2000.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 7.ed. São Paulo: Record, 2007.

Artigos, editoriais e entrevistas em jornais, revistas, internet

CUSHMAN, R. A Primeira capa do A Capa. [Editorial]. *A Capa*, São Paulo, n. 1. p. 3, 2007

DELGADO, E. A última!. [Editorial]. *Odyssey*, São Paulo, n. 27. P. 8, 2009

FISCHER, A. 13 Lucy Number – Ainda somos os mesmos _mas ainda não cansamos de mudar [Editorial]. *Junior*, São Paulo, n. 13. p. 6, 2009

FISCHER, A. Chegou a hora. [Editorial]. *Junior*, São Paulo, n. 1. p. 11, 2007

HAILER, Marcelo.; MAGALHÃES, William. *Com ida da revista DOM para editora da G, veja o que muda no mercado editorial gay*.

<http://acapa.virgula.uol.com.br/site/noticia.asp?codigo=7174>. Acesso em 30 de novembro de 2009.

HÉLIO FILHO. À luz de Lampião. Ed.10. *Junior*, São Paulo, n. 10, p. 40-43, 2009.

Junior, São Paulo, n 1, outubro de 2007

Junior, São Paulo, n 3, janeiro de 2008

Junior, São Paulo, n 10, abril de 2009

Junior, São Paulo, n 13, outubro de 2009

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 0, abril de 1978

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 31, dezembro de 1980

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 33, fevereiro de 1981

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 37, junho de 1981

LLISTÓ, Paco. "O mercado brasileiro gay ainda é restrito ao sexo e à diversão", diz criador da DOM. <http://acapa.virgula.uol.com.br/site/noticia.asp?codigo=9119>.

Acesso em 30 de novembro.

MARTINS, Ferdinando. Homoerotismo pré-G. Ed. 13. *Junior*, São Paulo, n. 13, p. 60-63, 2009.

SILVA, Aguinaldo. *Aguinaldo Silva fala sobre a importância de Harvey Milk, político gay vivido por Sean Penn*.

<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2009/02/13/aguinaldo-silva-fala-sobre-importancia-de-harvey-milk-politico-gay-vivido-por-sean-penn-754403998.asp>.

Acesso em 15 de novembro.

TREVISAN, J. S. "Amo amar os homens": depoimento. [Janeiro de 2008]. São Paulo: *G Magazine*. n. 124. Entrevista concedida a Gustavo Ranieri.

VENCESLAU, Pedro. Especial: André Fischer dispara: "Antigamente os personagens gays das novelas morriam em explosão de shopping".

http://portalimprensa.uol.com.br/revista/edicao_mes.asp?idEdicao=6&idMateriaRevista=71. Acesso em 14 de outubro de 2009.